



## II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

---

### PELAS VIAS DA MEDIATIZAÇÃO:

### ARTICULAÇÕES TEÓRICAS SOBRE UM PROCESSO SOCIAL

### ON THE PATH OF MEDIATIZATION:

### THEORETICAL ARTICULATIONS ON A SOCIAL PROCESS

Camila Hartmann<sup>1</sup>  
Ada C. Machado da Silveira<sup>2</sup>

**Resumo:** O texto propõe um percurso teórico de reflexão entorno ao processo de mediatização na sociedade contemporânea, conformada pelas lógicas do campo midiático no âmago de seu funcionamento. Considerando a mediatização um processo em curso (Braga, 2006; Fausto Neto, 2008), esboçam-se noções pertinentes à compreensão dos processos transformativos que culminam em seu atual estágio de desenvolvimento. Num outro tópico se apontam e associam terminologias que surgem para tornar mais palatável a nova ordem comunicacional vigente na sociedade em vias de mediatização. Busca-se, ainda, uma aproximação teórica com as lógicas operativas da cultura da mídia. As articulações teóricas elaboradas embasam-se, além dos autores supracitados, em Verón (1997; 2004), Mata (1999), Gomes (2006), Sodré (2010) e Hjarvard (2014).

**Palavras-chave:** Mediatização. Cultura da mídia. Práticas sociais.

**Abstract:** The text proposes a theoretical course of reflection surrounding the process of mediatization in contemporary society, conformed by the logics of the media field at the heart of its functioning. Considering mediatization an ongoing process (Braga, 2006; Fausto Neto, 2008), will be referred pertinent notions to understand the transformative

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), bolsista CAPES. Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo pela mesma Universidade. Integrante do Grupo de Pesquisa Comunicação, Identidades e Fronteiras. E-mail: camilahartmann@hotmail.com.br.

<sup>2</sup> Professora titular da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), onde integra o quadro permanente do PPG Comunicação. É colaboradora do Mestrado profissional em Comunicação e indústria criativa da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) e pesquisadora do CNPq. Líder do Grupo de Pesquisa Comunicação, Identidades e Fronteiras. E-mail: ada.silveira@ufsm.br.



## II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

---

processes that culminate in its current stage of development. In another topic will be pointed out and associated terminologies that appear to make the new communicational order prevailing in society in process of mediatization more palatable. It is intended, moreover, a theoretical approach to the operative logics of media culture. In addition to the aforementioned authors, the theoretical articulations developed are based on Verón (1997; 2004), Mata (1999), Gomes (2006), Sodré (2010) and Hjarvard (2014).

**Keywords:** Mediatization. Media culture. Social practices.

### 1. Preliminares

O artigo ora posto surge como um exercício de delineamento e articula o de proposi es teóricas desenvolvidas acerca da midiati a o, notadamente aquelas que possibilitam debater sobre seu engendramento contemporâneo. Como pressuposto, parte-se do entendimento da midiati a o como conceito chave para tensionar a rela o da média com a sociedade e a cultura (Hjarvard, 2014). Enquanto processualidade (Braga, 2006; Fausto Neto, 2008), ela desenvolve-se em concomitância com a dissemina o dos meios de comunica o ao longo do tecido social, constituindo-se a partir da transforma o de processos midiáticos instaurados nas sociedades industriais modernas (Verón, 1997; 2004; Mata, 1999; Fausto Neto, 2008).

A problemática da a o das mídias, ao versar sobre as distintas modalidades da comunica o e suas repercussões sobre o social, irrompe como tema de reflexão de diversos autores nas últimas décadas. A consolida o do fenômeno da midiati a o e sua estrutura o junto a singulares transforma es societárias têm dado outra roupagem aos estudos, ocasionado a emergência de abordagens teóricas, objetos conceituais e dispositivos analíticos que pretendem dar conta do novo modo de configura o das práticas sociais.

Atestar que atualmente se experiencia uma sociedade em vias ou em processo de midiati a o, cuja constitui o, formas de vida e intera es interpessoais são complexamente alteradas com a dissemina o e convergência de novos protocolos s ciot cnicos, implica a ciência de que o processo de midiati a o   ainda incompleto



## II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

(Fausto Neto, 2008). Na condição de estudiosos e analistas dos processos comunicativos e midiáticos compete-nos, com as ferramentas e o arcabouço teórico-metodológico que até então se dispõe – indubitavelmente de caráter tentativo, não conclusivo, haja vista que as reflexões e pesquisas acerca da mediatização permanecem em constituição epistêmica –, estudar como as lógicas midiáticas e processuais da mediatização imbricam-se. O desafio, acredita-se, está em buscar apreender como o fenômeno se alastra pela organização social, interferindo na dinâmica de conformação de suas instâncias e do relacionamento entre os indivíduos que cotidianamente, no contexto das práticas sociais, apropriam-se das mídias lhes dotando e ressignificando de sentido.

Isto posto e na perspectiva que se vem delineando, depreende-se a relevância de investigar o processo de mediatização em curso para tentar compreender as dinâmicas que estruturam o vasto campo de estudos da comunicação, tendo em vista que é sobre o viés interpretativo dos fenômenos sociais imbricados às mídias que se torna passível sua visualização enquanto processo interpretativo. Assim reitera Sodré (2007), ao afirmar que o olhar próprio do campo pressupõe o entendimento da mediatização e das tecnologias e sua implicação nas configurações sociais. O estudo da mediatização, sob este prisma e conforme Braga (2011), torna-se aspecto basilar para a apreensão e demarcação dos objetos comunicacionais, na medida em que circulantes em uma organização societária marcada pela importância nuclear da mídia na produção dos sentidos compartilhados.

De acordo com o que se tem esboçado, concebe-se a mediatização como um fenômeno historicamente complexo, permeado pela incompletude e que tem escopo na exteriorização dos elementos de produção social do sentido através de materialidades técnicas. Ancoradas em Verón (1997; 2004), Mata (1999) e Fausto Neto (2008), elucidam-se noções congruentes à compreensão dos processos transformativos que engendram seu atual estágio de desenvolvimento. As terminologias utilizadas para designar o que, tendo por base o inferido a partir das premissas expostas nos textos ora referidos, convencionam-se como sendo duas fases que integram o processo de mediatização são conceituadas de distintas formas, consoante cada autor.



## II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

Aclara-se que o entendimento de que a midiatização comporta dois estágios distintos (e inter-relacionais) de desenvolvimento articula-se diretamente com sua concepção enquanto um processo que se transforma de maneira simultânea à inscrição dos meios de comunicação na sociedade; posta numa tal condição, torna-se passível vincular a midiatização a dois âmbitos ou momentos sociais, cada qual comportando uma inserção e funcionamento específicos das mídias.

### **2. Mídia e Processos Sociais: duas fases, um só processo**

A configuração resultante da articulação dos dispositivos tecnológicos de produção e reprodução de mensagens a determinadas condições de produção e modalidades específicas de recepção (no contexto dos usos sociais, portanto), considerando a dimensão coletiva e plural de acesso às mensagens, circunscreve a noção de meio de comunicação social cunhada por Verón (1997, p. 13). A comunicação midiática, tal como sumariamente apresentada pelo autor, encontrava-se em uma situação de mudança acelerada, decorrente da evolução de dispositivos tecnológicos e da demanda social. Na esteira de seu raciocínio, o mercado do setor dos meios de comunicação e sua oferta discursiva, da forma como estava estabelecido nas sociedades industriais, alterou-se substancialmente com o desenvolvimento da midiatização – que se manifesta enquanto conceito articulador para pensar os múltiplos e diversos aspectos da mudança social que desponta nas sociedades modernas (Verón, 1997, p. 16).

Em escritos mais recentes, ao refletir sobre o processo de inclusão progressiva das tecnologias de comunicação na conjuntura social, Verón (2004) clarifica uma distinção: “a passagem das sociedades midiáticas para as sociedades midiatizadas expressa, na realidade, a adaptação das instituições das democracias industriais às mídias, tornando-se estas últimas as intermediárias incontornáveis da gestão do social”. Figuraria na primeira fase desse desenvolvimento – que teria ocorrido por volta do século XIX, a partir do surgimento da imprensa escrita e, posteriormente, complexificado-se com o aparecimento da televisão e do rádio – a sociedade midiática, ou seja, uma estrutura que abrangeria aquelas “[...] sociedades industriais em que os



## II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

meios de comunicação de massa foram progressivamente instalados” (Verón, 2004, p. 277). Posteriormente, com o surgimento de novas formas interativas mediadas pela técnica, origina-se uma outra configuração societária:

A sociedade mediatizada emerge à medida que as práticas institucionais de uma sociedade midiática se transformam em profundidade *porque há mídias* [...] a mediatização das sociedades industriais (que há mais ou menos um século se tinham tornado midiáticas) acelerou-se depois da Segunda Guerra Mundial [...] (Verón, 2004, p. 277, grifo do autor).

No intento de capitalizar uma analogia com as proposições de Fausto Neto, pode-se apontar uma correlação entre a “sociedade midiática” preconizada por Verón (2004) com a “sociedade dos meios” do último, que assim a contrapõe à sociedade mediatizada:

Uma designação econômica para diferenciar a «sociedade dos meios» da «sociedade da mediatização» está no fato de que na primeira as mídias estariam a serviço de uma organização de um processo interacional e sobre o qual teriam uma autonomia relativa, face à existência dos demais campos. Na segunda, a cultura midiática se converte na referência sobre a qual a estrutura sóciotécnica-discursiva se estabelece, produzindo zonas de afetação em vários níveis da organização e da dinâmica da própria sociedade (Fausto Neto, 2008, p. 93, grifos do autor).

Outro paralelo possível de se estabelecer refere-se às asserções de Mata (1999); uma dialética é por ela concebida partindo do pressuposto da insuficiência de noções teórico-conceituais para dar conta do horizonte de processualidades que cerceiam os meios de comunicação e sua inserção na sociedade. Considerando a mutação de processos materiais e a emergência de novos pontos de vista para a análise da comunicação e da cultura, a autora constata limitações que embasam a noção de cultura massiva, compreendida enquanto um estágio de desenvolvimento da modernidade caracterizado pela centralidade dos meios massivos de comunicação. Consoante o exposto, embora tenham evoluído e se complexificado, os preceitos intrínsecos entorno à terminologia julgaram-se parcos para explicar o funcionamento de um percurso posterior de inscrição das mídias na sociedade.

Mata (1999, p. 84-5) aponta, então, a necessidade de rever e ampliar a noção por meio da concepção da cultura midiática, que pressupõe uma nova orientação



## II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

analítica das práticas sociais relacionadas à mediação tecnológica. A proposição, segundo sua argumentação, surge enquanto um novo princípio de compreensão sobre a produção coletiva de significados na sociedade, manifesto como efeito do desenvolvimento célere das tecnologias de comunicação, materializadas em dispositivos e convertidas em meios.

Ao afirmar que os meios de comunicação já não podem mais ser entendidos como meros transportadores de mensagens ou sentidos, tampouco apenas como espaços de interação entre produtores e receptores, Mata (1999, p. 86) propõe sua centralidade na análise cultural contemporânea, enquanto marca, modelo, racionalidade produtora e organizadora de sentido. Na esteira deste processo e em conformidade com a autora, depreende-se que a midiatização revela mudanças nos modos de pensar e nos modelos culturais que reconfiguram as experiências identitárias baseadas nas diversidades que os vínculos sociais estabelecem.

Cabe ressaltar que o debate elencado por Mata (1999) acerca das noções de cultura massiva e cultura midiática constitui-se em um dos pontos de partida para os recentes estudos de midiatização. Fausto Neto (2008, p. 91), por exemplo, toma seus pressupostos como pistas para a compreensão do que viria a consolidar a hipótese da midiatização enquanto possibilidade de ação interpretativa (a analítica da mídia), visto que apontam “[...] para a conversão que sofre a tecnologia em um novo dispositivo de leitura e de organização de sentidos”.

Em linhas gerais, sintetizando o tópico de discussão e conforme apreendido através da articulação teórica elaborada, o que se admite como uma segunda fase da midiatização é uma atualização intensa e generalizada de um estágio primário de seu engendramento no tecido das relações sociais.

Dito isto, no item subsequente se apontam e articulam terminologias que emergem de modo a tornar mais palatável a nova ordem comunicacional vigente na sociedade em vias de midiatização. Destarte resguardarem particularidades, o eixo unificador das assertivas reside na compreensão, substanciada por Fausto Neto (2008, p. 92), de que as mídias deixaram de ser instrumentos para organização de processos interacionais dos demais campos e se converteram em uma realidade mais complexa



“[...] em torno da qual se constituiria uma nova ambiência, novas formas de vida e interações sociais atravessadas por novas modalidades do trabalho de sentido”.

### **3. Práticas sociais reconfiguradas: as mídias como referência**

Especialmente ao longo das últimas três décadas, a proliferação de novos protocolos técnicos na totalidade da organização social e a intensificação de mecanismos que transformam tecnologias em meios de produção, circulação e recepção de discursos faz emergir a cultura da mídia (Fausto Neto, 2008). Neste cenário as práticas sociais e os processos interacionais funcionam e se constituem permeados por características deste fenômeno, que se concretiza como mecanismo central, já que a própria organização social se faz “[...] tomando como referência o modo de existência desta cultura, suas lógicas e suas operações” (Fausto Neto, 2008, p. 92).

Nesta conjuntura, ademais de se afetarem mutuamente pelas manifestações de suas operações, as mídias também condicionam outras práticas sociais no âmago de seu funcionamento; o que reflete, conforme aclara Hjarvard (2014), uma mediatização intensiva da sociedade e da cultura que perpassa quase todas as instituições sociais e culturais. Consoante o autor, como estruturas, as mídias alavancam impulso próprio, o que cada vez mais influencia outras esferas sociais a constantemente requerer de seus recursos para lidar com ações comunicativas.

Indo ao encontro desta perspectiva, refere-se a acepção de Braga (2006) no tocante ao erigo das mídias enquanto geradoras de uma processualidade que se institui como referência para as demais práticas, indivíduos e instituições. De acordo com o autor, na lógica da mediatização, os processos sociais de interação mediatizada passam a incluir os demais, que se ajustam para funcionar em consonância com aqueles tendencialmente prevaletentes e que se validam como definidores de critérios e mecanismos centrais. Trata-se de uma abordagem que toma a mediatização como um processo interacional que não substitui ou anula os demais, mas lhes redireciona, constituindo-se como referência. São transformações sócio-tecnológicas, iniciativas e experimentações que vão assim confinando a mediatização e estabelecendo os processos



## II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

midiáticos como um dos “[...] principais direcionadores na construção da realidade social” (Braga, 2006, p. 11).

Acerca dessa problemática, faz-se pertinente referir algumas proposições basilares da sociologia do conhecimento postulada por Berger e Luckmann (2011) que, tensionadas com o conjunto de mecanismos que norteiam o processo em curso, da mediação da sociedade, elucidam-se profícuas na busca por clarificar os complexos aspectos envolvidos na contemporânea produção social do sentido. Os autores partem da concepção da realidade como um processo e do conhecimento como uma prática construída socialmente, tendo em vista que “[...] todo conhecimento humano desenvolve-se, transmite-se e mantém-se em situações sociais [...]” (Berger e Luckmann, 2011, p. 13).

Seguindo sua argumentação, a vida cotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos indivíduos e subjetivamente dotada de sentido para eles na medida em que inculca um mundo coerente (Berger e Luckmann, 2011, p. 35). O estabelecimento da coerência, hodiernamente, perpassa fortemente por modelos e operações vinculados com o que propõe a mediação. Considera-se, assim, que o processo de construção social da realidade na sociedade em vias de mediação adquire configurações singulares como resultado de um poder simbólico das mídias sobre os sentidos veiculados entorno ao que se considera real.

Sendo realizada em grande parte por veículos de mídia com amplo alcance de audiência, a disseminação das informações na atual configuração social se dá através de uma dinâmica que põe de manifesto o lugar privilegiado das mídias na configuração da percepção e dos sentidos que os indivíduos elaboram sobre a realidade e os acontecimentos aí imbricados. Neste contexto, infere-se, o referencial estruturador a partir do qual os indivíduos apreendem e interpretam o mundo passa grandemente pelo que preconizam os processos midiáticos.

Como adendo, cabe citar que a temática da centralidade das mídias na construção do imaginário social da contemporaneidade encontra escopo também nas reflexões de Gomes (2006), que concebe os processos midiáticos como operadores da inteligibilidade social. Para o autor, na medida em que constituída como um modelo





## II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

gerador de novas modalidades produtivas de sentido, a mediação inaugura um novo modo de ser no mundo. Consoante sua exposição, o conceito torna-se chave para compreender as dinâmicas de estruturação da própria sociedade que, com uma frequência latente, passa a se auto perceber a partir do fenômeno midiático (Gomes, 2006, p. 112-3) – o que implica considerar, na esteira do que se delineou acima, o processo interpretativo da realidade como sendo realizado, reiteradamente, por meio dos mecanismos referenciais que os indivíduos captam sob o que é mediado pelos meios de comunicação. Ressalta-se que as contribuições de Gomes recém elencadas foram trabalhadas pelo autor principalmente a partir da inscrição da televisão na sociedade contemporânea.

Ademais do já explicitado, convém mencionar que Gomes (2006) considera a mediação um processo mais complexo do que uma mediação técnica, visto ser engendrador de um outro modo de vida, um novo ambiente – ao qual Sodré (2010) atribui a denominação de *bios* midiático. A nova ambiência, segundo inferido através do que elucidam ambos os teóricos, é impulsionada por inovadores e complexos dispositivos geradores de sentido, organizados pelo campo das mídias e que operam por meio de articulações sociotecnologicamente estruturadas.

Na medida em que passa por profundas transformações vetorizadas pelas novas tecnologias comunicacionais, de acordo com as proposições desenvolvidas por Sodré (2010, p. 19), a sociedade contemporânea adquire uma qualificação cultural própria: a tecnocultura, cuja metáfora se constitui em um espelho, com seus espectros e distintas projeções sobre os fatos. Um elemento central e definidor desta dinâmica, concordante o exposto, é a tendência à virtualização das relações humanas, que instaura um novo modo de presença do sujeito no mundo, sintetizado por um *ethos* mediado.

Neste contexto, para o autor, as novas formas de comunicação e interação mediadas pela técnica coexistem com as tradicionais, de modo que as mídias emergentes desenvolvem mecanismos capazes de otimizar as ferramentas e recursos já disponíveis, produzindo um fluxo temporal cada vez mais intenso e adaptado às necessidades humanas. Esta constituição societária marcar-se-ia, assim, por uma hibridação das mídias e uma mútua presença de tecnologias que conjecturam os



## II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

processos em que se constituem os sujeitos e as distintas esferas sociais. Isto posto, Sodré (2010, p. 24) enfatiza que os meios de comunicação sempre atuaram no sentido de mediar as relações humanas e o contato interpessoal; o que acontece na mediatização, consoante sua hipótese, é uma exacerbação tecnológica da mediação social.

Considerando os fundamentos ora esboçados, busca-se, na seção que segue, uma aproximação teórica com as lógicas operativas da cultura da mídia, tendo como premissa sua vasta influência na constituição da sociabilidade contemporânea.

#### **4. Cultura da mídia: operação e abrangência**

O ambiente que permeia as relações interpessoais na contemporaneidade, em conformidade aos preceitos que se vem referindo, constitui-se intrinsecamente por aparatos tecnológicos que pré-condicionam, cada qual à sua maneira, as trocas comunicacionais que deles se utilizam. À vista disso, atesta Fausto Neto (2008), no contexto da mediatização, que é inerentemente um fenômeno de complexificação, as tecnologias são desenvolvidas em um ritmo vertiginoso e convertem-se em meios a partir dos quais a estrutura sócio-discursiva se estabelece.

Instituída enquanto intermediação nas relações humanas, a técnica adquire uma competência de propagar registros e organizar contatos de forma sistemática. Assim concebida, segundo Mata (1999, p. 86-7), ela figura-se como um elemento constitutivo da organização social, incorporado à vida cotidiana. Outrossim, consoante a autora, o caráter ontologicamente privilegiado dos meios de comunicação como produtores centrais da realidade (temática já discutida neste artigo, notadamente na seção anterior) circunscreve as zonas de existência dos indivíduos e instituições correlacionadas à tecnologia. Trata-se, em seu entendimento, da mediatização da própria experiência, uma configuração na qual se pensa enquanto mídia (Mata, 1999, p. 89).

Na atual conjuntura social, esclarece Fausto Neto (2008, p. 90), “[...] a vida e dinâmicas dos diferentes campos são atravessadas, ou mediadas, pela tarefa organizadora tecno-simbólica de novas interações realizadas pelo campo das mídias”. Esse mecanismo construtivo, operante na sociedade em vias de mediatização, na esteira da perspectiva dos campos sociais – compreendidos como lugares de produção de



## II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

---

práticas - desenvolvida por Rodrigues (1999), está intimamente associado ao “[...] desempenho das funções de regulação indispensáveis à gestão das relações entre os diferentes campos [...]” (Rodrigues, 1999, p. 25).

Atestando que o processo de mediação alastra-se pela totalidade do tecido social (Fausto Neto, 2008), acredita-se que a abrangência da incorporação da racionalidade operativa da cultura midiática no cotidiano pode ser visualizada, em um âmbito mais concreto, a partir de uma necessidade de submissão que acomete as distintas esferas sociais. Para garantir ampla visibilidade no espaço público, as instâncias políticas, jurídicas ou empresariais (apenas para citar alguns exemplos) devem submeter-se às lógicas discursivas ditadas pelo campo referencial (midiático), que mobiliza configurações enunciativas diversas na publicização dos fatos dos outros setores da sociedade.

Outra problemática acerca da racionalidade operativa da cultura midiática pertinente de se referir trata-se do aumento gradativo da complexidade que abarca as possibilidades interativas delineadas em um processo comunicativo no contexto da mediação. A premissa relaciona-se com o esquema da semiótica da mediação, criado por Verón (1997) com vistas a esboçar, sinteticamente, os mecanismos envolvidos na produção do sentido no bojo de uma configuração social em processo de mediação. Ele ilustra a centralidade da mídia, sua linguagem e lógicas de funcionamento como condicionantes do relacionamento que se estabelece entre as múltiplas esferas sociais.

Na semiótica da mediação, deste modo, as mídias ocupam um papel central nas relações entre as instituições (manifestas enquanto ordenamentos organizacionais da sociedade) e os atores individuais (enquanto membros da sociedade inseridos em complexas relações).<sup>3</sup> Cabe ressaltar que Verón (1997, p. 15) concebe as mídias também como instituições; contudo, de acordo com o explicitado, elas estão disjuntas das demais no esquema em função da centralidade que à elas se deve atribuir quando se estuda a mediação. As proposições do autor, ilustradas no esquema, vão, assim, ao

---

<sup>3</sup> Ainda que o autor utilize o termo “instituições”, acredita-se que o conceito de campo possa ser compreendido de forma similar.



## II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

encontro das sumariamente referidas, na medida em que subscrevem que as instituições e os atores individuais lidam com particulares afetações da cultura da mídia, cujas lógicas operativas implicam, em graus variáveis, nos outros domínios sociais.

A estrutura, ademais, delinea interações não lineares que materializam um mútuo cruzamento de interesses, disputas e negociações entre mídias, instituições e atores. Verón (1997), portanto, destaca a complexidade das relações protagonizadas no seio de uma estrutura social que se mediatiza, de modo que não mais se pode falar em processos contínuos de causa e efeito. Neste contexto as oportunidades ofertadas pelos dispositivos tecnológicos forjam a possibilidade de novos fluxos comunicacionais e interativos, múltiplos, fragmentados e heterogêneos.

À luz desta discussão, elucida-se o que Braga (2011, p. 68) concebe como um modo específico de circulação comunicacional e interativo característico da sociedade em vias de mediação: o fluxo comunicacional de circulação adiante. Seguindo tal perspectiva, depreende-se que a forte interferência das lógicas da cultura da mídia na produção dos sentidos compartilháveis na sociedade contemporânea materializa-se em uma ambiência que alavanca interações em torno de temas erigidos pelas mídias e que se disseminam por toda a estrutura societária a partir de fluxos contínuos que atravessam vários ambientes. O delineamento das articulações dadas nos fluxos, entende-se, deslinda a compreensão de como as lógicas midiáticas promovem conexões entre as demais esferas, produzindo, em cada setor da prática social, consequências distintas.

Na nova ambiência articulada pelo processo de mediação, em conformidade aos apontamentos de Fausto Neto (2008, p. 93), torna-se passível a constante reinterpretação dos conteúdos midiáticos pelos seus receptores no meio social. Produtores e consumidores co-existem em uma realidade conformada por complexos circuitos que põem de manifesto, consoante compendia França (2012, p. 12), a presença da mídia enquanto “[...] espaço privilegiado no qual a sociedade fala consigo, a propósito de si mesma”.



## II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

À guisa de conclusão, na última seção faz-se uma breve tentativa de sistematização das principais considerações levantadas a partir do percurso teórico desenvolvido.

### 5. Apontamentos finais

A reflexão e as articulações teóricas empreendidas permitem que se confirme o entendimento, delineado sumariamente no texto, de que o estudo da mediação é um aspecto seminal para a compreensão da sociabilidade contemporânea e do modo como atualmente figuram-se as práticas comunicacionais. Ademais, nota-se que a mediação é um âmbito de investigação essencialmente profícuo pela característica mutável dos objetos que lhe conformam e por seu caráter de fenômeno que engloba a totalidade social; a busca por um rigor teórico, conceitual e metodológico nesta seara, portanto, não parece ser tarefa fácil, visto dever considerar, impreterivelmente, tais processualidades.

Assim sendo e considerando as proposições apresentadas ao longo do artigo, que constantemente permitem reiterar a concepção da mediação enquanto um processo em curso, acredita-se que suas dinâmicas transformativas podem ser elucidadas hipoteticamente e *grosso modo* de tal forma: tendo em vista a inscrição intermitente das mídias nas relações sociais, pode-se afirmar que a sociedade encontra-se já mediada; entretanto, os processos que promovem tal mediação encontram-se ainda inacabados – e, acrescenta-se, não demonstram ter seu fim próximo.

### Referências

BERGER, P.; LUCKMANN, T. 2011. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. 33. ed. Petrópolis, Vozes.

BRAGA, J. L. 2011. Constituição do Campo da Comunicação. *Verso e Reverso*, 15(58):62-77.

\_\_\_\_\_. 2006. Mediação como processo interacional de referência. *Animus*, 5(2):9-35.



## II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

---

FAUSTO NETO, A. 2008. Fragmentos de uma analítica da mediatização. *MATRIZES*, 1(2):89-105.

FRANÇA, V. 2012. O acontecimento e a mídia. *Galaxia*, (24):10-21.

GOMES, P. G. 2006. *A Filosofia e a ética da comunicação na mediatização da sociedade*. São Leopoldo, Unisinos.

HJARVARD, S. 2014. Mediatização: conceituando a mudança social e cultural. *MATRIZES*, 8(1):21-44.

MATA, M. C. 1999. De la cultura masiva a la cultura mediática. *Diálogos de la comunicación*, (56):80-91.

RODRIGUES, A. D. 1999. *Experiência, modernidade e campo dos media*. Biblioteca On Line de Ciências da Comunicação. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/rodrigues-adriano-expcampmedia.pdf>>. Acesso em: 22/04/2018.

SODRÉ, M. 2010. *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis, Vozes.

\_\_\_\_\_. 2007. Sobre a episteme comunicacional. *MATRIZES*, 1(1):15-26.

VERÓN, E. 1997. Esquema para el análisis de la mediatización. *Diálogos de la Comunicación*, (48):9-17.

\_\_\_\_\_. 2004. *Fragmentos de um tecido*. São Leopoldo, Unisinos.